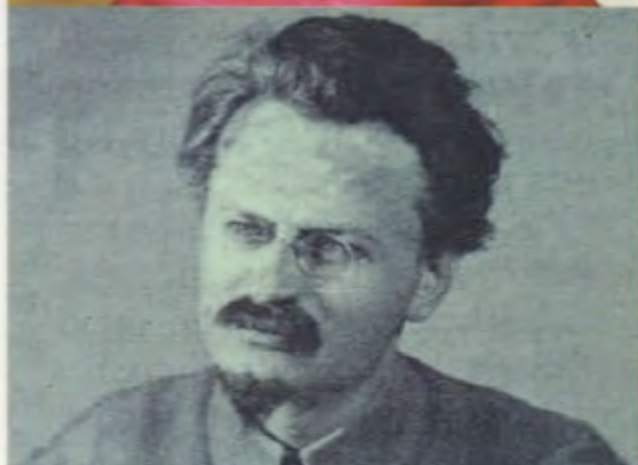


JOSÉ JORGE LETRIA



EPÍLOGO EM IALTA

E OUTRAS
PEÇAS



Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

JOSÉ JORGE LETRIA



EPÍLOGO EM IALTA
seguido de
ADIÓS MUCHACHOS
(A Última Noite de Carlos Gardel)
MILENA DE PRAGA
e
FRIDA E A CASA AZUL
quatro peças em um acto

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES / PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

1998

Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação

Letria, José Jorge, 1951 -

Epílogo em Ialta, seguido de Adiós muchachos, (A última noite de Carlos Gardel),

Milena de Praga; Frida e a casa azul; quatro peças em um acto

(Autores de língua portuguesa)

ISBN 972-20-1488-9

CDU 821.134.3-2 "19"



Publicações Dom Quixote, Lda.

Avenida Cintura do Porto de Lisboa
Urbanização da Matinha, Lote A, 2.º C
1900 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 1998, José Jorge Letria, Sociedade Portuguesa de Autores

Revisão tipográfica: Eda Lyra

1.ª edição: Junho de 1998

Depósito Legal n.º 124 459/98

Pré-impressão: vítor manuel

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1488-9

FRIDA E A CASA AZUL

uma de lojas. Junto da cama alguns cavalotes com telas e dois espelhos altos. Sobre a cómoda, alguns livros e objectos femininos. Frida Kahlo, com a perna direita amputada até ao joelho, está quase imobilizada no leito devido às suas graves enfermidades ósseas e ginecológicas. A dorça provocou-a muito mais do que a idade. Já quase não anda. Dialoga com as personagens fundamentais da sua vida, desde Diego Rivera a Leon Trotsky, passando pelo pai e por André Breton.

A acção da memória é marcada pela intemporalidade, sendo pontuada por fragmentos de discurso íntimo que se situam nos momentos distintos da vida da pintura. Todavia, o eixo dramático é constituído por uma reflexão sobre a vida e sobre a morte naquelas que foram as derradeiras semanas da sua vida.

Frida Kahlo sabe que a chegada da morte está iminente, mas ignora qual será a forma de que se revestirá.

Onto de dias pelos dedos e estou tão cansada de contar. O que eu queria era ter forças para continuar a lutar, mas nunca as forças foram tão poucas. Qualquer movimento que eu faça me traz sofrimento, dor física, mal-estar. Estou fraca, Diego, estou fraca e quero partir. Eu sei que tu chegas e que me dizes que estou mais bela do que nunca e que deitas a cabeça no meu colo como se quisesse ser o filho que eu nunca consegui ter, contigo eu

Cama de dossel, com uma cadeira de baloiço ao lado. Junto da cama alguns cavaletes com telas e dois espelhos altos. Sobre a cómoda, alguns livros e objectos femininos. Frida Kahlo, com a perna direita amputada até ao joelho, está quase imobilizada no leito devido às suas graves enfermidades ósseas e ginecológicas. A doença prostrou-a muito mais do que a idade. Já quase não pinta. Dialoga com as personagens fundamentais da sua vida, desde Diego Rivera a Leon Trotski, passando pelo pai e por André Breton.

A acção do monólogo é marcada pela intemporalidade, sendo pontuada por fragmentos de discurso íntimo que se situam em momentos distintos da vida da pintora. Todavia, o eixo dramático é constituído por uma reflexão sobre a vida e sobre a morte, naquelas que foram as derradeiras semanas da sua vida.

Frida Kahlo sabe que a chegada da morte está iminente, mas ignora qual será a forma de que se revestirá.

Conto os dias pelos dedos e estou tão cansada de contar. O que eu queria era ter forças para continuar a lutar, mas nunca as forças foram tão poucas. Qualquer movimento que eu faça me traz sofrimento, dor física, mal-estar. Estou farta, Diego, estou farta e quero partir. Eu sei que tu chegas e que me dizes que estou mais bela do que nunca e que deitas a cabeça no meu colo, como se quisesses ser o filho que eu nunca consegui ter, contigo ou

com outro homem, mas sobretudo contigo, meu Diego, que foste o homem da minha vida, o maior, o mais possante, o mais brutal, o mais genial.

Talvez tenhas sido genial de mais para mim, Diego, porque o teu corpo enorme e o teu talento nunca deixaram de projectar a sua sombra sobre o meu corpo escangalhado e dorido, sobre os meus quadros, sobre o meu ventre, sobre a minha vida.

É isso mesmo, meu Diego, não se pode ter um homem como tu ao lado, porque tu ocupas o espaço todo, porque tu te expandes como um temor ou uma enxurrada.

(Penteia-se, enxuga o suor, tenta levantar-se da cama com a ajuda de uma muleta, mas a dor deixa-a prostrada. Sofre muito e não o esconde)

Como são quentes estes primeiros dias de Julho. Eu sou um animal do calor, mas cada vez o suporte menos. Faz-me sentir ainda mais doente e desconfortável. Nunca sei se esta humidade é da febre, se é do tempo. Daqui a alguns dias farei quarenta e sete anos. Linda idade! E nem sequer sei se lá chego. Estou doente e estou farta, meu Diego, muito farta.

Agora já não são só os ossos que me doem. São também as costas, os pulmões e tenho alguma dificuldade em respirar. O que foi que eu fiz, Diego, para sofrer tanto? Vá, diz-me, tu que sempre me disseste tudo com a tua franqueza animal, tu que eras o elefante enquanto eu era a pomba, o bicho frágil que tentava bater as asas devagar a teu lado, só para provar que estava viva. Sabes do que eu mais gostava, Diego? Não sabes, pois não? Mas eu vou dizer-te: gostava de ter «mariachis» a tocar no meu funeral. Isso mesmo, os meus queridos «mariachis», de branco imaculado, com os «sombremos» dos dias de festa e aqueles rostos cerrados e morenos que tanto me fazem lembrar o do grande Zapata, o mais bravo e mais ingénuo de todos nós.

Vá, não estejas com ideias, Diego. Eu não quero fantasias no meu enterro. Só os «mariachis», nada mais. Mas eu sei que tu tens ideias grandes, espectaculares, pomposas. Sei que vais querer cobrir o meu caixão com uma bandeira de sangue vivo da

Revolução, talvez mesmo com a foice e o martelo. Mas não o faças, Diego. Eu só quero a música alegre e triste dos meus queridos «mariachis», os mesmos que tocaram na primeira vez que nos casámos. Lembras-te, Dieguito? Tu pegaste em mim ao colo, com o teu corpanzil de gigante, como se pegasses numa frágil peça de porcelana. Como tu me fizeste feliz nesse dia, meu Diego!

(Pausa)

Guardei todas as tuas cartas, e tu eras tão infantil nas tuas cartas. Tu querias dar-me o mundo numa tela ou numa bandeja de prata, mas eu nem um filho fui capaz de te dar. Nem um filho, Diego. Que raio de mulher que tu foste arranjar. Logo uma que não foi capaz de te dar filhos e que, como pintora, nunca se aproximou das alturas do teu talento. Azar teu e sorte minha. Sabes o que me apetecia verdadeiramente? Apetecia-me morrer. Melhor, apetecia-me ter coragem para acabar com isto de vez. Se eu ao menos soubesse onde deixaste a tua arma! Por que não ma deixas sobre a cama como quem larga um ramo de flores silvestres ou um pequeno retrato a carvão? Podias ajudar-me, se quisesses. Mas eu sei que tu não queres. Não serias capaz. Eu conheço-te. És um gigante no tamanho, mas uma pomba de coração. És mais frágil do que eu, muito mais, e nem te apercebes disso.

(Senta-se na cama e fala para um dos espelhos)

É esta a visão que eu tenho para te oferecer, Diego, a visão da morte sobre uma perna e meia de constante sofrimento. Sabes uma coisa? Esta vida é terrível, uma vida de merda! Eu sei que nunca gostaste de me ouvir dizer palavrões, embora tu nunca tenhas feito outra coisa. Pronto, eu vou evitar repetir que esta vida é uma merda.

Para que serve uma mulher como eu? Para pintar? Serviria se pudesse continuar a pintar. Para amar? Quem quer amar uma